



O PAÍS DAS MARAVILHAS NO IMAGINÁRIO DE UM JOVEM

O PAÍS DA COCANHA E SABORES DE ARMELINDA

VIDIMA DA IMAGEM



PROFESSORES

JANECLEIDE MOURA DE AGUIAR Sociologia

ROGÉRIO MURARO Língua Portuguesa

SINOPSE DO PROGRAMA

O filmes abordam a vinda de imigrantes italianos para o Brasil a partir de meados do século XIX, quando a Europa estava em crise. Nesta época, começou a correr a notícia de uma terra de fartura e oportunidades; esta terra da Cocanha era o Brasil. Milhares de italianos acreditaram na promessa de tempos melhores e vieram habitar a região da serra gaúcha. Trouxeram tradições e hábitos que ajudaram a construir a identidade multicultural brasileira. Os professores de Sociologia e Língua Portuguesa convidados do programa “Sala de Professor” desenvolveram uma proposta que faz um resgate histórico de ideologias que buscavam a igualdade social trazendo textos que falam sobre a terra da Cocanha.

APRESENTAÇÃO

Ao descrever a realidade dos primeiros imigrantes italianos que chegaram à Serra Gaúcha em 1875, o documentário resgata uma representação de terra imaginária e maravilhosa surgida na Europa medieval, a Cocanha. Uma idealização de paraíso perdido, especialmente contrastante com uma realidade social de submissão e subalternidade. Em Sociologia, poderão ser explorados temas como a utopia, ideologia e estrutura social. Em Língua Portuguesa, poderão ser desenvolvidos conteúdos que contemplem seqüências narrativas e descritivas, formas poéticas e figuras de linguagem.

UM OLHAR PARA O DOCUMENTÁRIO A PARTIR DA SOCIOLOGIA

Diante das possibilidades que o documentário apresenta, o professor de Sociologia poderá desenvolver um trabalho analítico que aborde a relação entre a estrutura social de cada época e as representações literárias e iconográficas correspondentes. Essa perspectiva permite destacar as particularidades culturais de cada período histórico e, ao mesmo tempo, observar as especificidades das “relações sociais de produção” ao longo do tempo. O docente de Sociologia poderá ainda, a partir do documentário, desenvolver conceitos como: **utopia, ideologia, estrutura social e relações sociais de produção.**

Considerando o período histórico em questão, cabe destacar a passagem da Idade Média para a Modernidade, da servidão para o assalariamento, de uma estrutura social dividida em estamentos, para uma constituída a partir da lógica de classes. Enfim, um percurso que permite evidenciar a análise das permanências e das mudanças que marcam o olhar sociológico, sobretudo no estudo da utopia e de seus desdobramentos no âmbito concreto.

ESTUDANDO CONCEITOS BÁSICOS: UTOPIA E IDEOLOGIA

O professor de Sociologia poderá começar abordando o conceito clássico de utopia em conexão com o conceito de ideologia, apresentando diferentes matrizes teóricas: desde Thomas Morus, passando pela abordagem dos socialistas utópicos (Saint-Simon, Fourier e Owen), dos socialistas científicos (K. Marx e F. Engels) e, por fim, de K. Mannheim.

Como sugestão para o estudo, o professor poderá utilizar o texto original de Thomas Morus que descreve um lugar maravilhoso no qual as instituições, as leis e os costumes são vistos como superiores: a Ilha de Utopia. O autor pontua que uma sociedade justa deve ter poucas

leis e abolir a propriedade privada. A versão integral do texto pode ser facilmente encontrada na internet, mas vale considerar a versão em quadinhos que preserva a estrutura do texto original, porém agrega o recurso das imagens de forma objetiva e direta. Para dinamizar o estudo, pode-se montar um quadro descritivo, como no exemplo a seguir:

QUADRO DESCRITIVO DA “ILHA DE UTOPIA” (THOMAS MORUS)

Relações de poder	O principado é vitalício, a não ser em caso de tirania.
Relações de produção	Agricultores, tecelões, pedreiros, oleiros e carpinteiros com jornada diária de seis horas.
Relações de sociabilidade	Tempo de lazer dedicado ao estudo e ao canto, sendo que os verdadeiros prazeres incluem a bebida e a comida, além das relações sexuais.
Relações de status e prestígio	Os habitantes usam o mesmo padrão de roupas, para não incentivar a desigualdade.

O estudo da matriz socialista pode ser feito com o uso do livro didático ou mesmo de textos clássicos dos referidos autores, com o objetivo de montar um quadro sinótico comparativo: “a visão reformista dos socialistas utópicos” e a “visão revolucionária dos socialistas científicos”. Assim, pensando os autores e suas respectivas categorias, teríamos de um lado Fourier (“falanstérios”), Saint-Simon (“sociedade de iguais”) e Owen (“meios de produção coletivos”); e de outro lado Karl Marx e Friedrich Engels (“luta de classes, dialética e práxis”).

Karl Mannheim discorre sobre os conceitos de ideologia e utopia, compreendendo-os de

forma dialética. Enquanto a ideologia indica a conjugação de ideias que visam perpetuar a ordem existente, a utopia promove representações sociais que possibilitam ações para a transformação da estrutura social vigente. Como sugestão para trabalhar a rica obra do autor, vale destacar um pequeno trecho para leitura em sala de aula:

“O conceito de ‘ideologia’ reflete uma das descobertas emergentes do conflito político, [...] os grupos dominantes podem, em seu pensar, tornar-se tão intensamente ligados por interesses a uma situação que simplesmente não são mais capazes de ver certos fatos que

iriam solapar seu senso de dominação. [...] O conceito de pensar utópico reflete a descoberta oposta à primeira, que é a de que certos grupos oprimidos estão intelectualmente interessados na destruição e na transformação de uma dada condição da sociedade que, mesmo involuntariamente, somente veem na situação os elementos que tendem a negá-la.” (MANNHEIM, 1976, pp. 66-67).

Como aponta Karl Mannheim, a utopia é necessária exatamente porque expressa o sentido de transformação histórica e social que move os seres humanos em sua vida coletiva.

O ESTUDO DA ESTRUTURA SOCIAL E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO POR MEIO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA

O imaginário país da Cocanha foi descrito ao longo do tempo através de inúmeras versões, desde o “Fabliau Francês” na Europa medieval do século XIII, até o “São Saruê” no nordeste brasileiro, em meados do século XX. Além dos temas da abundância, da ociosidade e da juventude, temos a questão da liberdade, sobretudo da liberdade sexual. No entanto, a questão do trabalho aparece como pano de fundo de toda essa produção literária.



“O país da Cocanha”, 1567 - Pieter Brueghel.

A Europa do século XIII vivencia transformações profundas a partir do processo de “cercamento das terras”, que expulsa grandes contingentes de camponeses do meio rural, criando uma massa de mendigos e miseráveis famintos que passam a viver no entorno das cidades em formação.

Embora o período medieval seja associado aos feudos, vale frisar a importância das corporações de ofício que reuniam comerciantes e artesãos organizados em torno de uma mesma atividade produtiva e artesanal. No caso da “Fabliau”, destaca-se o trabalho artesanal, tanto de tecelões quanto de sapateiros.

Por outro lado, em São Saruê as categorias de trabalhadores não são literalmente mencionadas. Provavelmente essa seria uma forma de sublimar a realidade massacrante da escassez de dinheiro e de alimentos, pois os agricultores viviam do plantio extenuante e pouco rentável da mandioca, do milho e do feijão. Assim, o tema da abundância alimentar e da prosperidade econômica ganha destaque em São Saruê, revelando um desejo de abolir o trabalho.

No contexto medieval, a Igreja tem um papel importante no estabelecimento de uma nova ordem social e econômica. Assim, o discurso bíblico tradicional que pune o pecado original de Adão e Eva, condenando-os ao trabalho fora do paraíso, vai sendo gradativamente atenuado por um processo de reabilitação do trabalho. E tal lógica ganha ainda mais sentido com a condenação do empréstimo a juros, na medida em que a usura aparece como um pecado.

“No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado.” (Gênesis, cap. 3, vv. 19 e 23)

“Não lhe darás teu dinheiro com usura, nem darás do teu alimento por interesse.” (Levítico, cap. 25, v. 37)

Portanto, o elogio do ócio contido na frase cocaniana “quem mais dorme, mais ganha” aparece como uma afronta ao discurso eclesiástico que nega a possibilidade “de enriquecer sem trabalhar”. Esse elemento também está presente nas formulações de Morus:

“Não há espaço para as pessoas em torno do ócio, sempre há trabalho, suas vaidades dessa maneira devem ser preservadas, pois em Utopia [...] não existem tavernas, cervejarias, bordéis, oportunidades para a sedução ou lugares propícios aos encontros secretos”. (MORUS, 1516)

A máxima contida na idealização da Cocanha, o país do ócio e da preguiça, ganha um contraponto importante nas paródias feitas ao “país das maravilhas”. Essas paródias são escritas para ridicularizar aqueles que acreditam na existência de um país tão fora da realidade dos homens e, ao mesmo tempo, apresentam um aspecto moralizante, no sentido de inculcar a lógica do trabalho.

“Esse texto foi escrito por gente de idade, E dado aos jovens para sua instrução: Os acostumados a uma vida de preguiça e inutilidade, Os inaptos que não querem nada de valor, Devem ser encaminhados ao País das Delícias Para que cresçam em inutilidade. Mas seria melhor se respeitassem o trabalho, Pois preguiça e falta de trabalho não prestam.” (Paródia holandesa, 1546)

“Preguiça e excesso de comida e bebida, além de / Liberdade demais, são três coisas que não prestam.” (Paródia holandesa, 1546)

“De modo que ouvir sobre o País dos Preguiçosos Ajude a corrigir seu vício, Ajude a ocupar-se com trabalho, Pois sabe-se que a preguiça nunca trouxe nada de bom.” (Paródia alemã, 1530)

No fundo, a Cocanha medieval pode ser concebida como uma válvula de escape aos limites impostos pelas instituições sociais. Garante uma fuga tanto da normatização do trabalho - pautada em um sistema complexo de atribuições e obrigações, com vários impostos e tributos - quanto do controle religioso que impunha sanções cruéis e violentas, especialmente para hereges e suspeitos de bruxaria, embora sem criminalizar a pobreza, que era vista como sendo de vontade divina.

[...] De barbos, salmões e sáveis São os muros de todas as casas; Os caibros lá são esturjões, Os telhados de toicinho, As cercas são de salsichas. Existe muito mais naquela terra de delícias. (O Fabliau Francês, meados do século XIII)

Tudo lá é festa e harmonia Amor, paz, bem-querer, felicidade Descanso, sossego e amizade Prazer, tranquilidade e alegria; (São Saruê, 1947)

Lá eu vi rios de leite Barreiras de carne assada Lagoas de mel de abelhas Açude de vinho quinado Montes de carne guisada As pedras em São Saruê São de queijo e rapadura As cacimbas são café Já coado e com quentura De tudo assim por diante Existe grande fartura. (São Saruê, 1947)

O discurso religioso apresenta a gula e a liberdade sexual como pecados mundanos, mas cada um deles tem um papel diferenciado nas duas narrativas. A “abundância de alimentos” aparece com o

mesmo grau de relevância em várias passagens da Cocanha francesa e em São Saruê, representando uma afronta aos valores religiosos e também uma maneira de suprir, mesmo que oniricamente, a escassez generalizada de alimentos. E embora o “sexo” figure na Cocanha como um dos prazeres recorrentes, não consegue receber em São Saruê a mesma dimensão de importância, sendo um assunto tratado com extrema sutileza. Por sua vez, Manuel Bandeira torna o prazer do amor um dos temas de maior destaque em sua narrativa poética.

*Cada um satisfaz seu prazer.
Como quer e por lazer;
Elas (as mulheres) não serão por isso censuradas,
Serão mesmo muito mais honradas.
(O Fabliau Francês, meados do século XIII)*

*É um lugar magnífico
Onde eu passei muitos dias
Passando bem e gozando
Prazer, amor, simpatia,
Todo esse tempo ocupei-me
Em recitar poesias.
(São Saruê, 1947)*

*Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
(Manuel Bandeira, 1930)*

Além de todos esses aspectos já anteriormente apresentados, também podemos observar semelhanças entre o poema do século XIII e o poema de cordel nordestino, no sentido de reforçar a ideia de juventude eterna. Assim, temos de um lado “a fonte da juventude” e de outro “o banho de mocidade”.

Enfim, como pudemos evidenciar ao longo das atividades, as representações idealizadas e oníricas de um país das maravilhas podem ter uma dupla natureza: tanto de transgressão da ordem, quanto de controle social.

AVALIAÇÃO

O professor de Sociologia poderá avaliar a operacionalização de conteúdos conceituais a partir do “quadro descritivo da Ilha de Utopia” (observando se os alunos identificam as principais características das relações de poder, de produção, de sociabilidade, de status e prestígio) e do “quadro comparativo entre os socialistas utópicos e os socialistas científicos” (considerando os respectivos autores estudados, estabelecendo como critério a identificação e a análise das proposições políticas e do modelo de sociedade).

Caso o professor queira aprofundar a reflexão sobre a temática, poderá aproveitar o momento da leitura do texto da Cocanha (Fabliau Francês), escrito no período medieval, para propor a elaboração de um ensaio em que os alunos apliquem os conceitos de utopia e ideologia na análise desse contexto histórico específico, observando, especialmente, a relação entre estrutura social e relações sociais de produção.



ETAPAS

Mobilização inicial: exibição da introdução do documentário;

Estudo dos conceitos básicos: utopia e ideologia;

Quadro descritivo com as principais características da Ilha de Utopia (relações de poder, produção, sociabilidade, status e prestígio);

Quadro comparativo entre os “socialistas utópicos” (Fourier, Saint-Simon e Owen) e os “socialistas científicos” (Marx e Engels);

Estudo dos conceitos de ideologia e utopia (leitura de trechos da obra de K. Mannheim);

Estudo da estrutura social e das relações de trabalho (produção literária indicada);

Levantamento das representações dos alunos sobre “um lugar ideal para a juventude”.



MATERIAL

A Utopia (Thomas Morus, 1516);

O Fabliau Francês (meados do século XIII);

O País dos Preguiçosos, paródia alemã da Cocanha (1530);

A Terra da Preguiça e da Gula, paródia holandesa (1546);

São Saruê (1947);

Vou-me Embora pra Pasárgada (Manuel Bandeira, 1930).



VEJA MAIS

Imaginário das sociedades utópicas ao longo da história. Disponível em: <portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=41458>.

História das ideias socialistas utópicas na Europa do século XIX. Disponível em: <portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=36043>.

UM OLHAR PARA O DOCUMENTÁRIO A PARTIR DA LÍNGUA PORTUGUESA

Em Língua Portuguesa, tendo em vista a produção proposta na etapa interdisciplinar, a ideia é trabalhar com atividades que permitam aos alunos se apropriarem das características dos textos que deverão produzir. O docente poderá trabalhar com os conceitos de **sequência narrativa**, **sequência descritiva**, **forma poética** (rima, métrica, estrofação) e **figuras de linguagem** (hipérbole e antítese). Considerando que o trabalho interdisciplinar se desenvolverá em torno da escrita de poemas relacionados ao imaginário da Cocanha, mas pensando no tema da juventude, as atividades de Língua Portuguesa se desenvolverão ao longo da leitura, análise e sistematização de elementos textuais presentes em poemas representativos dessa tradição.

Nesse sentido, os textos que utilizaremos para a proposta de trabalho são o poema “Vou-me Embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, “O Fabliau Francês” e “São Saruê, a Cocanha Brasileira”. Os dois últimos são encontrados na obra “Cocanha – Várias Faces de Uma Utopia”, de Hilário Franco

Junior (1998), na qual são reproduzidas as traduções de vinte textos. Essas traduções fornecem ótimas referências, tanto temáticas quanto textuais para que os alunos desenvolvam seus próprios textos. Já que esses poemas se constituem de textos figurativos que se estruturam, basicamente, de um encadeamento de sequências narrativas e descritivas, as características dessas tipologias textuais serão o foco do trabalho.

Como forma de iniciar as atividades, o professor poderá pedir aos alunos uma produção diagnóstica, a qual servirá como levantamento das dificuldades dos alunos em relação à escrita e, da mesma maneira, como norteadora para o planejamento das aulas seguintes. Assim, para que os alunos tenham uma referência inicial sobre o que deverão escrever, o professor poderá fazer uma leitura rápida de um dos poemas indicados e, em seguida, dizer aos alunos que eles devem imaginar como seria um “país das maravilhas da juventude”, que características ele teria e como se poderia chegar até lá.

De posse dos textos, o professor poderá iniciar o trabalho mais relacionado aos aspectos linguísticos deles. Quanto aos aspectos relacionados ao tema da juventude, eles serão mais bem trabalhados no final da proposta, durante a atividade interdisciplinar. Ao longo da sequência de atividades, no entanto, o professor poderá solicitar aos alunos a realização de outras versões de seus textos, conforme os conteúdos relacionados às dificuldades forem solucionados, de maneira a ir refinando a produção.

TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Tomando como ponto de partida as tipologias textuais predominantes nesses textos, é importante perceber que, devido à sua própria intenção comunicativa, em alguns poemas são utilizadas as tipologias narrativa e descritiva e em outros apenas a tipologia descritiva. Assim, ao lado da necessidade que os autores desses textos tinham de oferecer as características do lugar idealizado, alguns procuraram fazer isso dentro de uma estrutura narrativa, que incluía tanto um relato sobre a ida a esse local, quanto sobre situações vistas ou sucedidas ali.

SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS

No caso das sequências descritivas, dois elementos podem ser destacados com os alunos, a partir de exemplos dos textos citados.

Em um primeiro momento não há nessas sequências mudanças de situação. As frases expõem ocorrências simultâneas, ou seja, a não ser que o aluno deseje causar algum efeito de sentido específico ao apresentar as características de seu “país da Cocanha”, elas figuram no texto sem uma ordem cronológica determinada. Assim, por exemplo, no trecho abaixo há dois conjuntos de características: um falando sobre como são feitas as edificações do país e outro sobre os ganhos de quem dorme. Nesse trecho é possível trocar de lugar os conjuntos no texto e os elementos de cada um deles, sem grandes perdas no sentido. Vejamos:

Texto original:

*“[...] Lá quem mais dorme, mais ganha:
Quem dorme até ao meio-dia
ganha cinco soldos e meio.
De barbos salmões e sáveis
São os muros de todas as casas;
Os caibros lá são esturjões
Os telhados de toucinho
As cercas são de salsichas”.*

Texto reescrito:

*“[...] As cercas são de salsichas
De barbos salmões e sáveis
São os muros de todas as casas;
Os caibros lá são esturjões
Os telhados de toucinho
Lá quem mais dorme, mais ganha:
Quem dorme até ao meio-dia
ganha cinco soldos e meio”.*

Posteriormente será destacado o uso dos verbos. Nas sequências descritivas predominam os chamados verbos de estado, como “ser” e “estar” e, também, “haver”, “existir” e seu equivalente informal “ter”. Estes últimos são bastante evidenciados aqui, já que a intenção dos textos que analisamos é demonstrar as características incríveis que compõem o país. Seguem exemplos dessas ocorrências, tirados de “São Saruê, a Cocanha Brasileira”:

*“Lá tem um rio
chamado banho da mocidade”*

*“Lá não se vê mulher feia
e toda moça é formosa”*

*“As canas em São Saruê
em vez de bagaço é caldo
umas são canas de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturões
de pelica preparado”.*

Quanto ao tempo verbal, ele pode ocorrer no presente ou no pretérito imperfeito, sendo o presente mais comum no caso de o texto se organizar a partir de uma perspectiva apenas descritiva, ou seja, com uma orientação do tipo: “Existe um país de maravilhas e ele é assim”.

No entanto, no caso de o texto se organizar a partir de uma perspectiva narrativa, como, por exemplo, “Eu fui a um país”, o aluno poderá ordenar os tempos verbais das sequências descritivas tanto de maneira a apresentar essas características no passado, como no presente. O professor deverá destacar as mudanças de sentido que isso poderá ocasionar.

No caso do “Fabliau Francês”, por exemplo, o texto estrutura-se dentro de uma narrativa iniciada com marco temporal passado (“Ele me enviou a uma terra / onde vi muitas maravilhas”). Apesar disso, os verbos das sequências descritivas ocorrem no presente. Vejamos um exemplo de sequência descritiva desse texto:

*“Encontram-se mesas postas
com toalhas brancas
onde se pode beber e comer
tudo o que se quiser sem problema”.*

Com a descrição no passado, o texto ficaria:

*“Encontravam-se mesas postas
com toalhas brancas
onde se podia beber e comer
tudo o que se quisesse sem problema”.*

Nesses exemplos, é interessante observar que os verbos no presente dão um sentido de maior realidade à existência do lugar, enquanto o uso do pretérito parece dar conta de uma terra já distante no tempo, e que, se foi mesmo visitada pelo narrador, pode já não existir mais.

SEQUÊNCIAS NARRATIVAS

Pensando agora no trabalho mais específico com as sequências narrativas, é importante mostrar aos alunos que estes enunciados evidenciam ações, as quais se encadeiam de acordo com uma relação marcada pela temporalidade. Além disso, nas sequências narrativas as ocorrências mostram transformações de estado, as quais se organizam em relações de concomitância, anterioridade e posterioridade entre os episódios relatados.

Por exemplo, em “São Saruê, a Cocanha Brasileira”, o narrador relata as aventuras que passou para chegar ao país, trecho do texto em que utiliza sequências predominantemente narrativas. Vejamos alguns excertos:

Trecho 1

*(...) Iniciei a viagem
Às duas da madrugada
Tomei o carro da brisa
Passei pela alvorada
Junto do quebrar da barra
Eu vi a aurora abismada.*

Trecho 2

*(...) Enquanto a tarde caía
Entre mistério e segredos
A viração docilmente
Afagava os arvoredos
Os últimos raios de sol
Bordavam os altos penedos.*

Trecho 3

*(...) Morreu a tarde e a noite
Assumiu sua chefia,
Deixei o mormaço e tomei
O carro da neve fria,
Vi os mistérios da noite
Esperando pelo dia.*

No primeiro trecho vê-se que a ação de “passar pela alvorada” ocorre depois de o narrador “tomar o carro da brisa”, e ambas são posteriores à ação de “iniciar a viagem”. No último trecho, da mesma forma, a tarde *morreu* é anterior à noite *assumir* sua chefia, e o narrador “ver os mistérios da noite” ocorre depois de ele “tomar o carro da neve fria”. No segundo trecho, “a tarde cair” é concomitante ao ato da viração *afagar* os arvoredos e, também, à ação dos raios de sol, *ao bordarem* os penedos.

Evidentemente as relações de anterioridade e de posterioridade não se dão dessa forma por causa de sua posição na frase. O narrador pode dispor os acontecimentos no texto na ordem que quiser, desde que deixe clara a ordem temporal. Assim, por exemplo, no primeiro trecho o narrador poderia ter dito: “tomei o carro da brisa, depois de ter iniciado a viagem”. Nesse

exemplo o uso do “depois de” mostra, inclusive, a importância dos advérbios de tempo nas sequências narrativas, os quais ajudam a estabelecer os marcos temporais e a dar progressão aos acontecimentos. Nos trechos acima, expressões como “às duas da madrugada” e “enquanto a tarde caía” realizam essa função.

Quanto aos tempos verbais, as sequências narrativas fazem parte do chamado subsistema do pretérito (pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito), pois indicam ocorrências anteriores ao momento presente, que sempre é o momento em que o narrador fala. Nos trechos que destacamos há verbos como: *iniciej, vi, assumiu, passei*, e também *caía, aflagava, bordava*.

No caso de “Vou-me Embora pra Pasárgada”, ocorre um tipo de narrativa chamada profética, em que os acontecimentos narrados são colocados como posteriores ao momento da narração, como se vê no trecho a seguir:

*“E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!”*

Se desejar, o aluno também pode, no momento de produzir o seu texto, optar por relatar a sua “Cocanha” dessa forma, ou seja, não como um lugar para onde ele tenha ido, mas para onde ele pretende ir.

FORMA POÉTICA E FIGURAS DE LINGUAGEM

A partir dos textos em estudo, é importante também que o professor analise os elementos que compõem e caracterizam a estrutura poética. Especialmente no caso da métrica e das rimas, se o professor desejar enfatizar esses elementos, o texto de “São Saruê” pode ser uma boa referência, pois, por se tratar de um poema realizado em forma de cordel, sua metrificacão e seu sistema de rimas são bastante marcados.

Quanto às figuras de linguagem, vale ressaltar a presença massiva das hipérboles, o que não po-

deria ser diferente, já que a intenção nesses textos é intensificar os elementos e situações incomuns encontradas nessas “terras de maravilhas”. As figuras apontam sempre para o exagero no que se refere a elementos como a preguiça, o prazer, a riqueza, a fartura de alimentos, bem como de sentimentos, como a bondade e a cordialidade.

Ao lado disso, outra figura importante é a antítese, já que toda a fabulação relacionada a essas terras imaginárias só é possível em oposiçãõ à vida real, que padece de carências e de limitações diversas.

AVALIAÇÃO

Em linhas gerais, a avaliação deverá ser feita pelos professores de forma sistemática e conjunta, ao longo de todo o processo de trabalho. Na etapa interdisciplinar, a avaliação de Sociologia poderá estar direcionada tanto para o processo de levantamento/sistematização de dados encaminhado pelos alunos, usando diferentes fontes de pesquisa, quanto para a produção textual que envolve a descrição do “país das maravilhas”.


Em Língua Portuguesa, poderão ser trabalhadas avaliações de leitura e interpretação de textos. Nelas, partindo de textos descritivos e narrativos, especialmente na forma de poemas, poderão ser

elaboradas perguntas que explorem as características dessas sequências e que tematizem os usos e significados das figuras de linguagem trabalhadas.

Ao lado dessas avaliações relacionadas à leitura, também é importante que o professor acompanhe e avalie a escrita dos alunos. Isso pode ser feito a partir das diferentes versões do poema que eles deverão produzir. Esse é o momento de os alunos colocarem em prática o que aprenderam nas aulas. Assim, a partir do contato com informações sobre a juventude, o aluno terá maior condição de idealizar sua “Cocanha” e de compor seu texto (veja um exemplo ao final da ficha).


Sugerimos que o professor, partindo da produção diagnóstica que os alunos realizaram no início do projeto, peça recomposições focadas em cada parte do texto. Dessa forma, pode-se trabalhar com o início do texto, onde é importante envolver o leitor, chamando a sua atenção. Também com o trecho mais narrativo, em que é contado como se chega a

Cocanha, e ainda com a parte mais descritiva, que diz o que se vê e o que ocorre nesse lugar. É importante não perder de vista que essas são partes de um único texto e, dessa forma, mesmo que trabalhadas separadamente, cada parte não pode perder os laços de coesão e de coerência com as outras, de maneira que se mantenha a unidade textual.



ETAPAS

- Estudo das tipologias textuais;
- Características da tipologia descritiva;
- Características da tipologia narrativa;
- Estudo da estrutura poética e das figuras de linguagem presentes nos textos.



MATERIAL

- “O Fabliau Francês” e “São Saruê, a Cocanha Brasileira”;
- “Vou-me Embora pra Pasárgada”.

UMA CONVERSA ENTRE AS DISCIPLINAS

Essa etapa se inicia com a exibição completa do documentário, retomando-se assim as formas e os conteúdos que se combinarão no projeto interdisciplinar: as tipologias textuais (descritivas e narrativas), as estruturas poéticas, as figuras de linguagem e os textos científicos, além da importância dos conceitos de utopia e ideologia.

Assim, a proposta de trabalho interdisciplinar consiste na elaboração, individual e/ou coletiva, de um poema em que os alunos apresentem como seria a “Cocanha da juventude”, ou seja, como eles imaginam que poderia ser o “país das maravilhas para os jovens”. O tema da juventude foi escolhido para compor nossa proposta interdisciplinar por ser

uma temática recorrente nas representações da Cocanha e, ao mesmo tempo, pela evidente identidade que pode constituir com o grupo de alunos.

Como etapa prévia para a composição dos textos, os alunos devem realizar um levantamento de dados usando diferentes fontes (algumas pesquisas já realizadas estão disponíveis na ficha), ou mesmo a partir de pesquisas desenvolvidas com a orientação teórica e metodológica dos professores.

Cabe ao professor de Sociologia frisar que enquanto as representações dispersas estão no domínio das “impressões e opiniões”, os dados oriundos de pesquisas qualitativas ou quantitativas, ou até

mesmo de representações devidamente sistematizadas, estão no campo da “análise”, ou seja, do discurso científico.

Esse exercício, focado em dados da realidade social, tem como objetivo instrumentalizar os alunos para a produção de seus textos. Assim, propomos os seguintes temas para cada grupo: “juventude e trabalho”; “juventude, lazer e cultura”; “juventude e família”; “juventude, participação e democracia”; “juventude e religião” e “juventude e sexualidade”.

Para auxiliar na orientação do trabalho é importante que os professores indiquem sites com dados e reflexões confiáveis, nos quais os alunos possam buscar informações. De modo geral, há muitos sites de institutos e organizações relacionados à juventude, nos quais, além dos conteúdos de sua própria produção, é possível encontrar links para reportagens e entrevistas com especialistas no assunto.

Além disso, os sites de alguns jornais e revistas de circulação nacional também possuem links para edições anteriores, onde é possível realizar buscas temáticas e encontrar reportagens consistentes e fundamentadas sobre questões relacionadas à juventude.

Por intermédio das pesquisas, os alunos terão subsídios para realizar uma ampla reflexão a respeito da imagem que os jovens têm da juventude e da sua geração, o que deverá incluir elementos como a sua relação com o consumo, a família, a religião, as tecnologias e a formação para o futuro.

Em Língua Portuguesa, neste ponto, os alunos já deverão estar bem instrumentalizados em relação aos aspectos de linguagem de seus textos. Cabe agora a apropriação de um repertório de conteúdos relacionados à juventude, o que deverá acontecer com o desenvolvimento das pesquisas que indicamos. Assim, conforme os alunos desenvolvem ideias a respeito do que haverá no país que imaginam para os jovens, o professor deverá conduzir atividades que possam ajudá-los a compor o texto a partir do que eles pretendem dizer.

Em sequências descritivas, por exemplo, é melhor encadear as características do país de maneira aleatória ou vale elencá-las com algum sentido específico? Em sequências narrativas, por quais aventuras o narrador deverá passar para chegar à

terra que o aluno imagina? Em um e outro caso, como realizar rimas e figuras de linguagem a partir das imagens que os alunos querem construir? Enfim, trata-se agora de um processo de melhoria do texto, no qual, talvez, o professor precise elaborar atividades específicas de modo a auxiliar os alunos.

Como a pesquisa contará com a leitura de gêneros textuais diversos, como reportagens, artigos de opinião e entrevistas, o professor de Língua Portuguesa também terá um papel importante na identificação e seleção de informações desses textos.

Por fim, podemos sugerir diferentes formatos para a apresentação: leituras dramatizadas, círculos de leitura, comunidades virtuais, blogs, sites de compartilhamento de vídeos em formato digital etc. Segue exemplo de texto escrito pelo aluno Rafael da Costa Melo Franco, do Colégio Pedro II/Rio de Janeiro-RJ.

PINDORAMA, A COCANHA DA JUVENTUDE

*Um dia amigos,
Cheguei até lá.
Na terra de prosperidade
e da “não esperança”,
Pois não há pelo que esperar
Se tudo em perfeita ordem está.
Sim lá fui,
Percorri caminhos desconhecidos,
Lugares místicos e estradas de ouro e prata,
Janelas de madrepérola e portas de mármore de Carrara.
Não há, amigos, lugar no mundo tão rico
Tão próspero e tão longínquo quanto este.
Amigos, digo ainda mais, lá não se dorme
Só os velhos dormem e acordam novos.
Não há barbas do tempo que resistam
A uma boa noite de sono.
Numa única noite o velho
Recuperou cinquenta anos,
E na outra acordou como uma criança.
Li uma placa que me deixou intrigado:
“Aqui a terra é de ninguém”,
Depois descobri que a terra é de todos
Não há divisão, pois lá há tudo,
Tudo para todos
E todos com tudo.
Ah, amigos ouvintes,
Quase me esqueço de dizer
O trabalho pesado não existe,*

*Pois nessa terra o trabalho é doce e prazeroso.
Lá amigos, o único trabalho que se tem é de
se servir...*

*E se encantar com os prazeres e delícias
desta terra:*

*Para os jovens, videogames,
Para os não tão jovens, prazeres e fantasias
adormecidas.*

Nesse lugar encantado

Pude comer de tudo,

Com toda fartura,

E sem engordar!

Lá estive há alguns anos,

Ou talvez há muitos.

Lá aprendi que o sono é sagrado

E aprendi que o trabalho pode ser

Apenas mais um prazer.

Aprendi também o gosto amargo

do arrependimento

Pois de lá me fui,

E nunca poderei regressar,

Pois oportunidades como esta...

Só aparecem uma vez na vida...

A não ser que se viva nas teias da perfeição,

Deitado em redes da mais pura seda,

Regado pelas brisas frescas da primavera,

Banhado nas águas límpidas dos riachos,

Na sombra das verdes palmeiras,

Livre para ser, ter e estar.

Mas para isso é necessário que se viva em

“Pindorama”!

Tamanho perfeição não há no mundo,

Apenas em “Pindorama”

Cidade das maravilhas,

Dos prazeres

E dos seres.

A avaliação da etapa interdisciplinar pode estar direcionada tanto para o processo de levantamento e sistematização de dados encaminhados pelos alunos, usando diferentes fontes de pesquisa, quanto para a produção textual que envolve a descrição do “país das maravilhas” para esses jovens.



MATERIAL

Textos já destacados nas etapas disciplinares;

Computador com acesso à internet para levantamento de dados para a pesquisa.



ETAPAS

Exibição completa do documentário;

Recuperação das representações dos alunos sobre um “lugar ideal para a juventude”;

Levantamento de dados pelos alunos, usando diferentes fontes de pesquisa;

Produção textual: descrição do “país das maravilhas” para esses jovens;

Apresentação da produção textual em diferentes formatos.



VEJA MAIS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. (orgs.). Juventude, juventudes: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0014/001468/146857PORB.pdf>.

SUGESTÕES DE LEITURA E OUTROS RECURSOS



LIVROS E REVISTAS

BANDEIRA, M. **"Vou-me Embora pra Pasárgada"**. In: Estrela da Vida Inteira. Rio de Janeiro/São Paulo: Record /Altaya, sd.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Lições de Texto: Leitura e Redação**. São Paulo: Ática, 1996.

FRANCO JÚNIOR, H. **Cocanha: Várias Faces de Uma Utopia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MORE, T.A Utopia. **Coleção Filosofia em Quadrinhos**. São Paulo: Escala Educacional, 2008.



SITES E OUTROS RECURSOS

MORUS, T. A Utopia. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2301>. Acesso em 08 de fevereiro de 2013.

Observatório da Juventude – UnB. Disponível em: <<http://www.ceam.unb.br/oj/>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2013.

Observatório Jovem. Disponível em: <<http://www.uff.br/observatoriojovem/>> Acesso em 08 de fevereiro de 2013.
Relatório nacional da pesquisa sobre juventudes no Brasil. Disponível em: <http://www.ibase.br/userimages/Brasil_ultimarev.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2013.

População Jovem no Brasil. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/populacao_jovem.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2013.



FILMES E DOCUMENTÁRIOS

O PAÍS DE SÃO SARUÊ. Direção: Vladimir Carvalho. Produção: Vladimir Carvalho e João Ramiro Mello. Roteiro: Vladimir Carvalho. País: Brasil. Vídeo Filmes, 1971. 1 DVD (81 min.), preto e branco.



Um documentário da TV Escola. Um ponto de partida para grandes trabalhos com os alunos. Assim é o Sala de Professor. O programa incentiva os professores de Ensino Médio a desenvolverem projetos que mudem a rotina em sala de aula. Em cada programa, dois professores convidados criam um projeto a partir de documentários exibidos na TV Escola. São sempre propostas e experimentos inovadores, que podem ser reaplicados em qualquer escola do país.

Os trabalhos apresentados são detalhados em dicas pedagógicas como essa e ficam disponíveis no site da TV Escola. Os professores também podem usar as artes criadas para o programa: são animações, tabelas, mapas e infográficos que tornam os conteúdos mais visuais e interativos. As dicas pedagógicas e as computações gráficas foram transformadas em fascículos interativos para *tablets*. E o professor também pode navegar pelo material extra do programa no *blog* do Sala. Para ter acesso a esses produtos, acesse o site tvescola.mec.gov.br ou curta a *fan page* da TV Escola no Facebook.

